

**Deponentes:** Delcy Gonçalves de Paula

**Entrevistadores:** Emely Vieira Salazar, José Alexandre Salles e Celso Travassos.

**Data do depoimento:** 22 de outubro de 2015

**EMELY SALAZAR:** Hoje, 22 de outubro de 2015. Vamos ouvir a Socióloga Delcy Gonçalves, que foi professora da PUC, é nossa Sissi. É uma sobrevivente do regime político militar que nós sofremos amargamente. Ela vai falar do que ocorreu com ela, da sua experiência – se é que a gente pode chamar de experiência, né, mas, foi o que ela viveu – e ela vai contar pra nós. Palavra, Sissi.

**DELICY GONÇALVES:** Eu fui militante da Ação Popular desde mil novecentos e finais de 1966. E a organização, ela não era uma organização militarista, né?! Ou político militar. Era uma organização que pretendia a tomada de poder, a modificação da sociedade rumo a uma sociedade mais humana, sociedade socialista, mas, embora ela não negasse a possibilidade, ou até mesmo a certeza da luta armada, ela não achava que naquele momento que a gente estava vivendo, que fosse necessário pegar em armas, uma vez que faltava consciência ao povo inclusive para poder dar apoio a essas ações mais armadas. Então o trabalho que era desenvolvido, seja no movimento estudantil, no movimento operário, as tentativas do trabalho no campo, e em outras áreas, profissionais liberais, etc, era um trabalho de reflexão, de conscientização e de ação no sentido de resistir às ações da ditadura, a legislação, as restrições, a violência, combate às manifestações, etc. Eu tava, eu trabalhei já desde 66 nesse sentido. Trabalhei lá em... no Parque São Bernardo, onde eu dei aula, perto da Pampulha, no movimento contra a ditadura (trecho incompreensível) e trabalhei posteriormente no Colégio Municipal de Contagem à noite, com a população basicamente de operários e dava aula de português. E ali eu desenvolvi um trabalho político que atingia uma parcela imensa da fábrica da cidade industrial. Esse trabalho vai ser um trabalho importante, porque através dele a gente vai conseguir acesso a uma infinidade de fábricas pequenas, médias e grandes dentro da cidade industrial naquele momento. Conseguimos trabalhar no sentido da organização da greve que vai estourar em abril de 68, a primeira greve operária do regime militar, com toda singularidade que ela vai ter. Posteriormente isso vai ser analisado por várias pessoas.

E o 1º de maio, a tentativa da greve de outubro desse mesmo ano. E a organização entrou num processo a partir daquilo que a gente imaginava ser. Eu falei “imaginava” porque hoje eu não penso dessa forma. Aquilo que imaginava ser uma derrota, que a gente não tinha conseguido todas as reivindicações que a gente tinha feito sobre a greve. Então nós conseguimos o 1º de maio, mas não conseguimos fazer a greve na extensão e na intensidade que a gente desejava em outubro. Então a organização passou por um processo de internalização de discussão intenso. A gente ficava dia e noite em reunião, seja com os operários, no meu caso com os operários, e reuniões internas. De um lado, nós estávamos nessa situação. A repressão era cada dia mais intensa, né? Já tinha sido decretado o AI-5, companheiros nossos já tinham sido caçados na área operária, como Ênio Seabra. As tentativas de retomada do sindicato também foram muito difíceis, a pressão e a repressão era muito intensa. E o cerco tava sendo fechado, e a partir desse cerco a gente... A organização estava passando por um momento, isso que eu estou dizendo, de discussão interna intensa, com uma luta interna muito grande, com reuniões regionais e uma região, reuniões nacionais também para definição de rumos, né, rumos mais gerais e mais imediatos, estratégicos, etc. E vai ser nesse momento, do ponto de vista da organização e de uma repressão muito grande que estava iniciando, pessoas de outras organizações já tinham sido presas e torturadas, tiveram que enfrentar a polícia inclusive com balas, etc., ações armadas, não adiantava resistir. A polícia já estava agindo de modo extremamente violento. Eu fui presa exatamente nesse contexto. Fui presa na rua e eles não tinham absolutamente nada a meu respeito. Eu não sabia, até hoje eu não sei certo porque é que eu fui presa, como é que eles me acharam, o que que então... Eu deduzo uma série de coisas: eles já estavam pesquisando na universidade para ver pessoas que tinham largado a universidade, eu sei de um vizinho meu que tinha, da minha irmã, que tinha me visto na cidade industrial com trajes que não eram os trajes que eu usara em épocas anteriores, então, assim, é meio uma incógnita porque eles estavam me procurando. Eu não sei, porque eles não tinham nada. Então eu fui presa na rua, numa ação que eles cercaram um quarteirão. Eu cheguei na casa da minha irmã, eu estava com muita fome. Nós não tínhamos dinheiro, já tinha uns dois dias que eu não me alimentava. Então eu passei na casa da minha irmã para poder comer, e aí a hora que eu cheguei ela começou e chorar e falou: “Vai embora!”, me deu alguma coisa na mão e falou: “Vai embora, porque a polícia está atrás do cêê! Eles vêm aqui mais de três vezes no dia!”. Eu saí. Quando eu cheguei, eu estava com

dinheiro para mandar um pessoal para essa, uma reunião nacional, e eu não peguei um táxi porque eu não podia gastar esse dinheiro. Peguei um ônibus e desci no centro da cidade. Na hora que eu desci, o quarteirão estava fechado. E aí eles me prenderam e me levaram para um... uma... que depois eu vou ver, que era um centro de informações da polícia, ao lado do Palácio da Bispo, aquela rua que desce, esquina com Santa Rita Durão. Parece que ali funcionava o G2, o que eles chamam de G2, que é a parte de informação da polícia. E me interrogavam, e eu como que se diz, eu não posso dar o endereço, porque eu moro numa casa com idosos e a pessoa vai morrer, (trecho incompreensível) uma tia... Criei uma história ali que eu não podia falar onde eu morava que moravam outros companheiros, e se eu dissesse eles iam ser presos. Bom, então eles ficaram comigo ali, de mais ou menos 13h00min até umas 22h00min me interrogando, sem me bater, fazendo pressões, quer dizer, até aí chegou. Quando deu mais ou menos umas 22h00min, eles me levaram para a penitenciária das mulheres. E dormi. No outro dia, passei o dia lá. Então quando foi no outro dia, 23h00min, eles foram me buscar na penitenciária e aí eles já me pegaram dentro do próprio carro fazendo muita violência! Murro, pontapés, murro nas partes que doem, né?! O seio, o estômago, me xingando palavras de baixo calão, entendeu? Reduzindo a minha condição humana e social, em todos os sentidos, em todos os sentidos, como se eu fosse um animal desprezível. E me levaram de novo para esse mesmo lugar. Quando eu cheguei lá, já estava muita gente lá preso, inclusive a pessoa com quem eu morava, que era a Loreta. E mais outras pessoas que eu inclusive não conhecia, mas que eram pessoas da AP. Elas tinham sido presas na Serra, numa casa que dava apoio à Ação Popular, e ali eles tinham levado para lá uma série de documentos, achando que a casa era uma casa tranquila, e ali eles foram presos com todos esses documentos. Eu cheguei dizendo que não conhecia aquelas pessoas, dizendo que não conhecia aquelas pessoas, e aí começou o processo de tortura para que eu, 1: identificasse essas pessoas, desse o endereço aonde eu morava e dissesse de que organização eu era. Eu não podia dizer isso. Eu não devia dizer isso. E aí eu passei por uma noite de terror, das mais terríveis da minha vida! Eles tiraram a minha roupa, me botaram num... Eu estava menstruada, então descia sangue pelas minhas pernas. Eh... me botaram nua com as mãos na parede e dois soldados me batiam com chicote, com um cinto, pelo lado da...

**EMELY SALAZAR:** Fivela.

**DELICY GONÇALVES:** ...da fivela, e me arregaçaram as costas! Minhas costas todas, elas ficaram numa situação que eu não podia nem deitar. E mais de 20, 30 policiais chegavam, passavam a mão em meu corpo, falavam coisas de baixo calão, me reduzindo à uma situação das mais terríveis. Depois me levaram para uma outra sala, sentada em uma cadeira que tinha uma placa e me enrolavam fios na minha mão. Inicialmente eu não sabia nem o que era aquilo, o que eles iam fazer comigo ali. Meus pés e minhas mãos. E me davam choque né... nua, e eu caía no chão, arrebatada, quando eu acordava eu estava no chão com eles me chutando. Isso foi de 23h00min até 5h00min sem parar, sem parar. Eu já praticamente nem ouvia, de tanto golpe de telefone que eles davam no ouvido. Às 5h00min eles me levaram pra, começaram, me botaram dentro do carro e me levaram para um lugar que na medida que o caminho foi aparecendo, eu fui percebendo que eles estavam me levando para a minha casa. E então alguém tinha aberto aonde eu morava. E aí na hora que nós chegamos na casa, eu morava ali eu acho que, eu não sei que bairro que é aquele. É em frente à escola técnica.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Na rua Osvaldo Cruz.

**DELICY GONÇALVES:** É, na rua Osvaldo Cruz.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Atrás do Maurício Murgel que você morava?

**DELICY GONÇALVES:** É. Eu não sei se é atrás ou se seria no quarteirão seguinte. Acho que é no quarteirão seguinte, se não me engano. Tá? Era uma casa, um barracão de fundo. E até então eu dizia que eu não conhecia ninguém. Então na hora que nós chegamos lá, o capitão Portela, que até então eu não consegui identificar nenhuma dessas pessoas que me torturaram! Nenhuma! Eu não sei nem de rosto e nem de nome, nada! Eu não tenho nenhuma lembrança de nada dessas horas de tortura das mais terríveis. E brutas! De uma brutalidade terrível! O Coronel Portela abriu a porta dessa casa, um barracão de fundo, com uma pernada. Ele abriu e quebrou a porta no meio. E na medida que ele chegou lá dentro ele encontrou toda a minha documentação pessoal, que estava ali dentro, a documentação de Loreta e de Carlos Melgaço. Loreta era casada com Carlos, Loreta estava presa e o Carlos tinha ido para São Paulo, na reunião nacional que estava se desenvolvendo na organização. Aí foi outra sessão de tortura, das mais violentas! Eles praticamente arrancaram a pele do bico do meu seio, apertavam até rachar o bico do meu seio para que eu dissesse alguma coisa. E aí nessas alturas, mesmo se eu quisesse, eu não daria conta de dizer. Mesmo se eu quisesse! Eu não queria, mas mesmo se eu

quisesse eu não daria conta de dizer, porque eu tava absolutamente traumatizada com tamanha violência, entendeu? Fechou. Eu fiquei mais de 10 dias sem conseguir articular! Quando eu conversava, tentava uma conversa com algumas das minhas colegas, eu tinha que fazer um esforço pra poder dizer sim ou não, quem é que abriu, o que aconteceu, para eu tomar fé naquela situação, tamanha a dificuldade. Eu nunca imaginei na minha vida, ingenuidade, né? De que fosse possível um ser humano ter tanto ódio, tanta raiva e despejar tamanha violência em cima de uma pessoa. Que eu não tinha feito nada com ele! Porque era essa a realidade, eu não tinha feito nada com ele! Ele queria algumas coisas, e eu falei. A minha postura de não dar, eu não entendo, eu não entendia até aquela época, porque que as coisas aconteciam, aliás, até hoje, porque depois disso eu vou identificar então primeiro o capitão Portela, e depois o sargento Léo. O ódio que esse homem tinha de mim, era uma coisa que deve ter alguma explicação, mas ela não é uma explicação usual, costumeira, que a gente dá para as coisas. Eu só posso entender isso como alguém que veio de outras situações, e talvez até de outras vidas, pra tanto ódio. Porque ele não era tão politizado a ponto de dizer que racionalmente o que ele estava fazendo não tinha racionalidade nenhuma. Bom, isso já devia ser umas 9h00min, eles voltaram comigo lá pra central de polícia, para o G2, e me deixaram lá. As outras pessoas que tinham sido torturadas, então, eu estou dizendo de mim, mas outras pessoas lá foram torturadas. A Maria do Rosário Cunha Peixoto, eles pegaram ela e pegaram feio também! E outras pessoas, que agora eu não estou me lembrando. Então muita gente foi torturada ali. E aí teve uma certa calma e eles nos levaram para um quartel da polícia militar, lá em, acho que no Prado, senão me engano. No DI. E aí o comandante do DI chegou dizendo que se tinha havido violência ele pedia desculpas, e que ninguém iria, que a gente poderia ficar tranquila, que todas as pessoas ali não iam mais ser torturadas. Duas horas depois o sargento Léo me tira de novo e me leva de novo para o G2, e choque, e todas as violências de novo. Até quase 13h00min. Aí me levam de novo para o... Três dias depois, nós vamos tomar banho. Três ou quatro dias depois, eles vão nos permitir um banho, e eu sentia só meu corpo completamente doído, sem a menor condição de... Para deitar era um sacrifício. E aí nós fomos tomar banho. Na hora que eu virei, que eu tirei a roupa, tinha em frente de cada banheiro ficava uma guarda. Ela botou a mão no rosto, apavorada com a situação que o meu corpo tava, de roxos para todo lado, de escoriações, e uma situação das mais terríveis. Ficamos ali alguns dias, não me lembro mais quantos dias, e nos levaram pra

penitenciária de mulheres, e da penitenciária de mulheres, eu fiquei na... no isolamento, em uma cela escura, entrava em um corredor escuro, tinha uma cama de concreto com um colchão que parecia de terra. Acho que algum dia tinha sido de capim, que estava todo moído, parecia de terra. A roupa de cama era limpa e tinha um banheiro, assim, atrás, era uma separação no quarto, com uma parede pequena, tinha um vaso no chão e ali a gente ficou durante mais ou menos um mês, que eu tenho a impressão, uns 20 dias, que foi o período para poder instaurar o inquérito. Daí eles não nos tiraram para lugar nenhum. No primeiro dia que eu saí desse lugar, depois desse tempo todo, pra começar a ser interrogada de novo, era um dia de manhã, e eles nos tiraram, (trecho incompreensível) a cela, ela não, ficava a luz acesa o dia inteiro porque era dia e noite, não tinha claridade, era uma janelinha, né?! Não sei, um buraco pequenininho, muito lá em cima, bem perto do teto, e era escuro. Então ficava a luz acesa o dia inteiro. Aí a hora que abria, a gente passava por um corredor escuro para poder sair na parte interna da...

**EMELY SALAZAR:** Penitenciária.

**DELICY GONÇALVES:** ...da penitenciária de mulheres. E na hora que eu cheguei, que era um dia muito claro, porque devia ser nessas alturas junho, final de julho, meados de julho, não sei, bateu sol no meu rosto, com muita claridade, imediatamente eu desmaiei. Eu não conseguia ver absolutamente nada! Eu desmontei e acordei eu tava em outro lugar já, acho que era enfermaria, e médico me olhando, vendo o que que acontecia. Aliás, não era o médico. Era uma médica. Não lembro mais o nome dela.

**EMELY SALAZAR:** Doutora Anailton...

**DELICY GONÇALVES:** É doutora... Não lembro o nome dela, não lembro. E aí começou um outro processo. Esse outro processo era diferente do primeiro. O primeiro era como se caísse uma caixa d'água na cabeça de alguém. O processo agora era um processo mais lento, com a violência calculada e com todo peso de um tipo de tortura feita de modo mais, um pouco mais elaborado para poder destruir a resistência das pessoas. Quem chefiou esse inquérito foi o coronel Góes, e ele, e o sargento Léo estava nessa equipe, e eu imagino que ele pediu, porque ele ficou como sendo a pessoa que ia me interrogar e tirar de mim aquilo que eles queriam. Então, assim, o nível da violência de novo foi grande, embora menor, porque eles precisavam de entender porque quem caiu nesse processo foram cento e tantas pessoas que caíram, nesse dia, que a partir daí encontraram documentos, com listas de simpatizantes da AP, com senhas para, por exemplo, o tesoureiro da prefeitura foi

preso! Entendeu? Numa situação assim trágico cômica, porque tinha uma senha que era assim: “Eu conserto fogões, o senhor está precisando de consertar fogão?” Era um trágico cômico. Aí a pessoa respondia: “Sim, eu preciso”, e falava mais alguma coisa a respeito do conserto de fogão e tal. Então eles chegaram na prefeitura, era um tesoureiro de alguma prefeitura, eles não colocaram onde. E falaram, e essa pessoa estava necessitando realmente de um fogão. “Ah, foi minha mulher que falou com o senhor. Eu estou precisando”. Foi lá e creu! Era um senhor mais de idade, entendeu? E ele sofreu, coitado. Porque ele não entendia o que estava se passando.

**EMELY SALAZAR:** Ele não sabia consertar fogão.

**DELCEY GONÇALVES:** O que era aquilo que estava acontecendo, entendeu? Cento e tantas pessoas presas ali no DI, aí eles fizeram a seleção. Mas a maioria daquelas pessoas era tudo mulher. Então assim, poucos homens, eu lembrei do caso dele, que eram poucos homens e muita mulher! E na hora que eles fizeram a peneira, eles mandaram para a penitenciária de mulheres umas oito ou dez, e eram oito ou dez mulheres. Se não me engano, não tinha nenhum homem nessa primeira etapa, nenhum homem! Então que organização era essa de só de mulheres?! Muita documentação. E como a AP tava passando por um momento de luta interna muito intensa, de definição teórica, de concepção, de revolução, concepção de sociedade, coisas amplas, que eram coisas pesadas, então eles não entendiam porque que a mesma hora que tinha um documento que falava uma coisa, tinha outro que falava outra! Né?! Então eles não conseguiam entender. Então eles precisavam de ter calma para poder dar conta, arrancar, botar alguém com uma disposição de explicar o que era, também, o quê que era aquilo, porque se se tratava, nesse momento agora, já não era tanto endereço, nome das pessoas, quem que fazia parte. Isso também, mas, era principalmente...

**EMELY SALAZAR:** O quê.

**DELCEY GONÇALVES:** ...entender o quê que era aquilo e envolver aquelas pessoas legalmente, que a ditadura, ela teve uma capa legal, né?! Ela construiu um arcabouço legal precário, mas eles precisavam de dizer assim: “Olha, ela por conta disso é que ela vai ser julgada, na lei tal, no artigo tal”, então precisava de incriminar as pessoas. E aí eles tinham que tirar isso aí. Então as torturas eram pensadas, era um desgaste dia a dia. Nós, durante 45 dias, não dormimos uma noite! Uma noite inteira! Uma noite! 45 dias! Era dormir algumas horas, imediatamente eles mandavam buscar. Revezavam as pessoas que iam nos interrogar, entendeu? Para fazer esse desgaste.

**EMELY SALAZAR:** Isso no DI?

**DELICY GONÇALVES:** Eles faziam isso no Doze e faziam isso na penitenciária de mulheres. Então talvez tenha sido pela primeira vez que a penitenciária de mulheres foi palco de tortura. Eu fui torturada lá dentro, uma tortura terrível! Eles pegavam latinha de massa de tomate, duas latinhas, botavam a pessoa em pé naquilo ali e ficar horas. Cada vez que você tenta sair, você recebe murro, pontapé. Então se ficar o bicho come, se correr, ele pega, entendeu? Não tem por onde você sair. Não tem por onde você correr, entendeu? O que que é melhor, o que que é pior, não existe. Aí eles te colocam lá de novo, aí a latinha gruda no seu pé, você quer sair mas não tem mais jeito, porque ela entrou no pé, pelo seu peso, todo peso ali naquela boquinha da lata de massa de tomate. Então, assim, é uma coisa violenta. Me levaram para o colégio militar. O capitão... Como chamava o capitão?

**EMELY SALAZAR:** Pedro Ivo?

**DELICY GONÇALVES:** Não.

**EMELY SALAZAR:** Portela?

**DELICY GONÇALVES:** O que dirigia o colégio militar.

**EMELY SALAZAR:** O que dirigia?

**DELICY GONÇALVES:** É. Também já esqueci o nome. Se eu olhar em uma lista eu sei qual que é o nome dele. Mas eu... nessa época eu não sei mais. No total, eu e Loreta, levavam as duas para lá. Aí chegava lá, botava a gente dentro de um... Primeiro fazia toda ameaça, o que ia acontecer ali. Depois botava a gente dentro de uma coisa, como se fosse um guarda-roupa, com uma entrada mínima de ar, e deixava ali a noite inteira. Você não podia nem sentar direito, entendeu? De tão apertado que era aquele lugar! E deixava você ali. E aí no outro dia ia lá e te buscava. Então, assim, era pra vencer mesmo. Era um processo de arrebentar e de vencer a resistência das pessoas. Uma coisa terrível! Terrível, dia a dia, durante 45 dias! 45 dias! Outro tipo de tortura, que eu ficava sentada sendo interrogada, nessas alturas do campeonato, o coronel Góes me retirou da responsabilidade do Léo e passou a ele próprio me interrogar. E aí me interrogar e fazer o quê? Ele fazia carícias em meu corpo todo! Todo meu corpo! Eu estava sentada, olhando pra frente, e ele enfiava o dedo dentro do meu ouvido, passava a mão no meu rosto, no meu olho, na minha boca, passava a mão no meu corpo todo, entendeu? E dizia inclusive que me amava profundamente! Que eu era uma pessoa que ele admirava, assim, pela resistência, pelas coisas todas. Durante todo o período, todo o período. Então, assim, 45 dias de



suportar um tipo de pressão, né?! De toda ordem. Levavam para cadeira de dentista e falava assim: “Eu não sou dentista, não. Mas eu vou começar a trabalhar os seus dentes, abre a boca!”. Ligava o motor, entendeu? E depois aí jogava o motor pra lá, conversava, não sei o quê. Ligava o motor de novo, entendeu? Então, eu estou lembrando de algumas coisas, só para poder ilustrar. Eu não lembro de todas. Mas pra poder ilustrar o eixo da tortura naquele período, que mostrar assim, como é que você quebra a resistência das pessoas, entendeu? Eu fiquei no isolamento esses 45 dias, eles me tiraram um dia por engano, e me levaram para uma cela, junto com a Emeli. E dois dias depois eles me voltaram para o isolamento, e aí eu fiquei até o final do inquérito. Outras pessoas também. Eu estou falando de mim. Tem as outras pessoas, a Loreta, a Maria do Carmo, a Laudelina e a Gilce. Eram as cinco mulheres de Minas, que eles falavam. As cinco mulheres de Minas, do inquérito. Aí eles começaram com um outro tipo de pressão, que era o seguinte... Não, antes disso. Eles pegaram a minha irmã, durante todo esse período que desde que iniciou esse processo de desgaste, eles pegaram a minha irmã, que era, devia ter na época uns 50 anos, a Zuleica. Morava aqui em Belo Horizonte, casada, cinco filhos. Pegavam os filhos, botavam dentro do carro da polícia e rodavam com eles durante o dia inteiro, para fazer pressão sobre eles, do que é que eles sabiam. Para tirar deles o que é que eles sabiam. Porque eles conheciam algumas pessoas que eu eventualmente levava para eles comerem na casa da minha irmã. A minha irmã não sabia de nada! Um sobrinho meu, posteriormente, posteriormente o quê? Eu fui presa em 1969. A primeira prisão minha foi em 69. Se não me engano, em 70, 1970, ele ficou com esquizofrenia, e a questão mais importante dele era sempre achar que a polícia estava atrás dele. Essa era a paranoia dele. Que a polícia estava atrás, que eu tinha que tomar cuidado, que as coisas assim, que as coisas assado, entendeu? Então, assim, ele estava prestes a fazer vestibular e...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Como que é o nome dele?

**DELICY GONÇALVES:** João Batista. Hoje ele é uma pessoa completamente fora de si, entendeu? Com a esquizofrenia no nível dos mais avançados, de só vive numa outra realidade, não está mais nessa dimensão da realidade nossa. Então, assim, muita pressão em cima dela e dos filhos. Sofreram, assim, muito! E eu sabia disso, porque eventualmente eles me levavam. E ela me falava... Eles levavam ela para, não era nem para me ver, eles diziam que era pra poder me ver, que era uma bondade deles, mas, era para que eu soubesse o que eles estavam fazendo.

**EMELY SALAZAR:** Da pressão.

**DELICY GONÇALVES:** E ela me dizia mesmo o que que tava passando e ela não entendia o que era aquilo que estava acontecendo. Então aí mais lá na frente eles falaram, uma das pessoas que foram presas, que aí depois teve uma outra onda de prisão, partindo daqueles documentos, de outros endereços, pessoas que caíram porque nesse momento, a cidade, eles estavam varrendo, fazendo operações que eles chamavam de “operação pente fino”, quase que diária! Em vários pontos da cidade. Outras pessoas foram presas não aguentaram as torturas e começaram a falar, coisas que eles consideravam coisas mais simples. E uma dessas coisas é que minha mãe forneceu roupas para pessoas que estavam indo para o campo. E aí as roupas era para o povo da roça, e tal, que minha mãe tinha... Então eles estavam se preparando. Essa foi a pressão das que mais me jogou no chão, terríveis! De que eles iam pegar minha mãe e iam trazer, torturar na minha frente e tal. Foi uma coisa de um sofrimento enorme! Aí eu fiz meu primeiro depoimento foi aí. 45 dias depois da... Já estava no final, o inquérito já estava expirando, porque tinha um tempo de funcionamento daquilo, né?! Pela lei, né, havia isso.

**EMELY SALAZAR:** Um prazo.

**DELICY GONÇALVES:** Um prazo de funcionamento do inquérito. Aí eu fiz meu primeiro depoimento, em que eu confirmo cinco coisas banais. E aí a partir daí eles, as outras pessoas também fazem um inquérito, fazem os depoimentos, o inquérito não, fazem depoimento, e aí eles vão caminhar para, isso aí já era meados para final de agosto. Bem final de agosto. Para o encerramento do inquérito. Eu fui presa no dia 14 de junho. Isso aí já era final de agosto. Julho, agosto. Foram 60 dias de uma pressão terrível. Não foram 45. A gente não, praticamente não dormia, esse tempo todo. Eu quero registrar que os documentos da AP foram desvendados para a polícia por Chuchu, que era um militante da corrente. Eu vi, eu vi ele explicando, lá no Doze, explicando para a polícia isso.

**EMELY SALAZAR:** Ainda mandava todo mundo abrir, entregar e falar tudo.

**DELICY GONÇALVES:** É. Mandava isso. Eu acho triste porque a pessoa fazer isso em uma situação que ele pode não fazer, porque não precisava dizer que ele entendia, porque ele era um militante de outra organização. Ele podia se dispor a ler e falar: “Não entendo nada do que está aqui”, né?! É muito triste isso.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Como que é o nome dele mesmo?

**EMELY SALAZAR:** José Conato.

**DELICY GONÇALVES:** José Conato. É. E aí foi chegando ao final do inquérito e passamos daí poucos dias eles nos levaram de ônibus pra Linhares. Cada ônibus tinha poucos presos. Primeiro eles levaram todos presos, sem ninguém saber pra onde ia, lá pro DI de novo. E chegou lá era um salão imenso, com camas de campanha, e todo mundo sentado nas carteiras durante o dia, e à noite dormíamos na cama de campanha. No outro dia, de madrugada, nós saímos, cada ônibus eles ia até a metade com, até metade do ônibus, ou até menos da metade do ônibus, com presos. A mão esquerda de um com a mão direita do outro com algemas, e o resto da metade era polícia e cachorro dentro do ônibus. Cachorro policial, né?! Levando a gente, a gente não sabia para onde. Já tinha tido um primeiro sequestro, né?! Então a gente... Tinha tido a crise do final do governo Costa e Silva, então a gente não sabia o que que é, pra onde a gente tava sendo levado, o quê que ia acontecer. Aí acabou chegamos em Linhares, era uma prisão de presos comuns que eles (trecho incompreensível) que eles desocuparam e colocaram ali todos os presos políticos de Minas, de todas as organizações que até aquele momento eles tinham. E ali eu fiquei até 14 de julho, 14 de junho, não. É.

**EMELY SALAZAR:** De 70.

**DELICY GONÇALVES:** Aí eu fiquei até pouco depois. Agora eu fiz confusão. Eu sabia essas datas todas. Eu tinha guardado essa data. Agora não estou sabendo direito. Eu sei que...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Já era 1970?

**DELICY GONÇALVES:** Aí era 70.

**EMELY SALAZAR:** Foi em 70. Junho de 70.

**DELICY GONÇALVES:** 1970. Havia uma brecha na lei, que dizia o seguinte: a preventiva, a prisão preventiva, ela poderia durar até 1 ano. Se no período de 1 ano, completasse 1 ano e o processo não tivesse entrado na auditoria, que as pessoas podiam ser soltas. Aí o advogado, os nossos advogados entraram primeiro com pedido de soltura para uma pessoa que estava menos implicada no processo, e eles concederam. E aí depois foi pedido de cessão de benefícios para todas as outras e eles nos soltaram. Eu saí, fui para (trecho incompreensível), deixei um esquema montado em Belo Horizonte, que eu sabia que na hora que o processo entrasse, eles iam me pegar! E pegar as outras pessoas também que estavam mais implicadas no processo, principalmente Loreta. E aí quando eu fiquei uma semana lá em (trecho

incompreensível), aí eu recebi a comunicação, aí eu fugi e fiquei na clandestinidade até 1972, quando eu vou ser presa lá em Porto Alegre.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você fugiu pra onde?

**DELICY GONÇALVES:** Eu fugi pra São Paulo.

**EMELY SALAZAR:** São Paulo.

**DELICY GONÇALVES:** Fiquei em São Paulo até o final do ano, então isso era meados do ano. Fiquei em São Paulo até meados, final do ano, fui para Curitiba, a organização me mandou para Curitiba. Eu trabalhei lá até setembro, aí Curitiba caiu tudo de novo, eu consegui fugir, levei três dias para chegar em São Paulo, porque estava as estradas todas fechadas com o exército, que aí a repressão tinha aumentado mais ainda. E fiquei em São Paulo um tempo, que nós chegamos lá com a roupa do corpo e dinheiro pra comer alguns dias. Ficamos numa pensão, alugamos um quarto, tinha uma semana, arrumamos trabalho e um trabalho qualquer, para poder ganhar algum dinheiro para poder continuar pagando a pensão e comer. Ficamos lá um tempo para poder conseguir comprar roupa e tal. Aí a organização me mandou pra Porto Alegre e...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Como que era feita a comunicação da organização? Você foi pra São Paulo na clandestinidade?

**DELICY GONÇALVES:** Fui na clandestinidade com contato em São Paulo, com contato para São Paulo.

**EMELY SALAZAR:** Tinha um contato, não tinha?

**DELICY GONÇALVES:** É. Quando nós chegamos de Curitiba, nós não tínhamos contato nenhum, porque nós saímos fugida de Curitiba, com a roupa do corpo. Mas eu fugi com uma outra pessoa, que eu conheci lá. E ela conhecia pessoas, e através dessas pessoas que ela conhecia, ela conseguiu um contato, algum tempo depois, uns 15 dias depois ela conseguiu o contato. Aí a gente reestabeleceu. Aí fomos para, fui deslocada para...

**EMELY SALAZAR:** Porto Alegre.

**DELICY GONÇALVES:** Para Porto Alegre. Nessas alturas do campeonato, a gente já tinha a conclusão de que a gente só estava correndo da polícia. Trabalho não estava tendo mais condições de fazer. O cerco estava muito terrível, né?! E aí eu cheguei lá no final do ano, no início do ano, em janeiro, eu acho. Em abril, Porto Alegre caiu todinho. E aí eu fui presa de novo em uma situação em que eu não devia ter sido presa ali, porque a menina que estava comigo dizia: "Não, tem que ir porque a pessoa

que nós tínhamos contato”, nós tínhamos um esquema, né, de não, se isso acontecer, tal tal. Se tudo isso não funcionar é porque eu fui presa e vocês têm que sair.

**EMELY SALAZAR:** É.

**DELICY GONÇALVES:** E eu não saí, entendeu? Por uma questão de autoafirmação. E aí...

**EMELY SALAZAR:** Não acreditou no esquema.

**DELICY GONÇALVES:** É. Aí eu fui presa de novo. E aí vai ser um outro processo de tortura (trecho incompreensível) primeiro no DOF de Porto Alegre, depois na Operação Bandeirante, onde eu fiquei mais ou menos uns 60 dias. Mas aí é uma outra história.

**EMELY SALAZAR:** Muito bem.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Hoje, dia 22 de outubro de 2015, na presença da COVEMG **EMELY SALAZAR** Salazar, eu, José Alexandre Sales, e o assessor também, Celso Travassos, estamos colhendo o depoimento da Delcy Gonçalves de Paula. Eu gostaria de pedir, fazer algumas perguntas.

**DELICY GONÇALVES:** Sim, sim.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Pra gente seria esclarecedor. No livro “As moças de Minas”, do Luiz Manfredini, ele faz alusão a uma casa na Renascença. Você se recorda dessa casa? Sabe um lugar, que era um lugar que ele considerou clandestino? Qual é esse lugar? Você tem noção da rua?

**DELICY GONÇALVES:** A casa...

**EMELY SALAZAR:** É um aparelho.

**JOSÉ ALEXANDRE:** É um aparelho?

**DELICY GONÇALVES:** Oh, tinha um aparelho da AP, mas não era na Renascença, era Cachoeirinha. Entendeu? Então eu tenho impressão de que houve uma confusão.

**EMELY SALAZAR:** É, ele fala que é Renascença.

**DELICY GONÇALVES:** É, ele fala Renascença. Tinha um aparelho, mas era na...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Cachoeirinha.

**DELICY GONÇALVES:** Na Cachoeirinha, porque tinha, nós tínhamos um trabalho na fábrica Cachoeirinha, tínhamos pessoas que moravam nessa casa, que eram pessoas que faziam esse trabalho, porque elas estavam integradas, inclusive, na produção. Elas trabalhavam na fábrica.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Era fábrica de tecidos?

**DELICY GONÇALVES:** A fábrica de tecidos Cachoeirinha. Talvez, porque a Cachoeirinha, ela está mais ou menos, ela está do mesmo lado e é mais ou menos próximo. Talvez essa casa, eu não sei porque eu nunca fui lá, então...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você não foi nessa casa da Renascença?

**DELICY GONÇALVES:** Não, eu não fui nessa casa da Renascença.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Ah, tá.

**DELICY GONÇALVES:** Eu fui torturada. A casa em que eu fui torturada foi a casa em que eu morei, ali eu acho que é Nova Suíça.

**JOSÉ ALEXANDRE:** É na Osvaldo Cruz.

**EMELY SALAZAR:** Nova Suíça, Barroca, por ali.

**DELICY GONÇALVES:** É, na Osvaldo Cruz. É.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Ah, tá. E em momento algum você se recorda se alguma das pessoas, se fizeram alusão a essa casa na Renascença?

**DELICY GONÇALVES:** Não.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Que possa... Não, né?! Ah, tá. Agora, quando da prisão no G2, você acompanhou a tortura da Maria do Rosário Cunha Peixoto? Ela foi torturada na sua presença? Ou só a viu de relance, de passagem? Ou você teve que acompanhar a tortura da...

**EMELY SALAZAR:** Rosário.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Da Maria do Rosário Cunha Peixoto.

**DELICY GONÇALVES:** Eu não lembro direito, porque era uma situação terrível! A quantidade de gente que estava presa ali, era demais. Agora, algumas pessoas estavam sendo torturadas, e a Maria do Rosário foi muito torturada ali, entendeu? As que nós duas, se bobear, nós duas ali fomos as duas mais torturadas, porque, o quê que acontece? Com Loreta, que, ela era advogada formada, entendeu? E ela entrou com uma panca de advogada, você entendeu? “Eu tenho direitos, eu posso”, entendeu? E ela, de alguma maneira, os caras tiveram um pouco de receio. Ainda assim, eles pegaram ela lá, você entendeu?

**EMELY SALAZAR:** Normalmente eles não torturavam uma pessoa na frente da outra não, né? Só quando era para acariar.

**DELICY GONÇALVES:** É. No caso do Melgar, que vai ser a segunda, a segunda leva da prisão, ainda quando nós estávamos no processo do inquérito, ele foi torturado na frente da Loreta.

**EMELY SALAZAR:** Pois é.

**DELICY GONÇALVES:** No Doze RI, entendeu? Eles botaram ele, torturavam com holofotes, entendeu? Jipes com farol aceso, e ela vendo a tortura, e ela amarrada vendo a tortura. A tortura maior da Loreta foi essa, entendeu? Porque era marido dela, entendeu? Companheiro dela. Não era só marido, ele era companheiro dela.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Quando você faz, descreve o recolhimento lá no DI e faz alusão ao comandante do DI, no caso era o comandante Elos?

**DELICY GONÇALVES:** Elos, é.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Elos. Você foi torturada por ele?

**DELICY GONÇALVES:** Não, não, não.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você sabe se ele torturou alguém?

**DELICY GONÇALVES:** Não. A impressão que eu tinha, é que, porque eles não faziam isso, né?! O coronel Góes não torturava ninguém.

**EMELY SALAZAR:** Eram os comandados.

**DELICY GONÇALVES:** Eram os comandados.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Mas ele te torturou! O Góes.

**DELICY GONÇALVES:** O coronel Góes fazia isso comigo, me convencendo de que ele me amava.

**EMELY SALAZAR:** É, que ele era bonzinho.

**DELICY GONÇALVES:** É.

**EMELY SALAZAR:** Que ele estava era...

**DELICY GONÇALVES:** Você entendeu? Agora, essa foi a tortura que ele fez pra mim. E eu dizia isso pra ele: "Você está me torturando". Isso não é tortura, porque não tem cabimento! Ele falava que eu era um iceberg porque eu não movia nem um músculo do meu rosto, entendeu?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Aí ele fazia sevícias.

**DELICY GONÇALVES:** É, aí ele fazia sevícias.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Quando você faz alusão ao diretor da penitenciária de mulheres, você não se recorda do nome dele, da época?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Edson.

**DELICY GONÇALVES:** Edson Cavalieri.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Ele chegou a te torturar?

**DELICY GONÇALVES:** Ele não, mas ele permitiu a entrada, todos os interrogatório foi feito na penitenciária de mulheres e no 12 RI, durante processos do inquérito. E ele permitia a entrada, entendeu? Ele era uma pessoa que parecia sádica. Ele me

pareceu, a mim, sádico! Entendeu? Ele era uma pessoa muito estranha. Ele não ia fazer isso, porque ele era, assim, ele era igual um...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Ele estava acima disso.

**DELCEY GONÇALVES:** Uma manequim antigo, entendeu? Com cabelo todo engomado, a roupa impecável, arrumado de terno, ele ia trabalhar como se ele fosse um doutor, que, sabe assim, vaidosíssimo! Parecia um pavão, né?! Então ele não ia fazer esse tipo de coisa. Mas ele permitiu tudo que foi feito dentro da penitenciária de mulheres, ele permitiu.

**JOSÉ ALEXANDRE:** No colégio militar, você faz alusão também ao diretor do colégio militar. O nome dele você não se recorda?

**DELCEY GONÇALVES:** Pois é, ele era capitão.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Capitão.

**DELCEY GONÇALVES:** É, um capitão. Eu devo ter dado o nome dele no livro.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Tá.

**DELCEY GONÇALVES:** No livro, entendeu? Porque...

**JOSÉ ALEXANDRE:** E lá você foi presa conjuntamente com a Loreta?

**DELCEY GONÇALVES:** Lá nós fomos levadas para lá, juntamente com a Loreta.

**JOSÉ ALEXANDRE:** E ficou presa lá?

**DELCEY GONÇALVES:** Uma noite.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Uma noite.

**DELCEY GONÇALVES:** Eles nos levaram, botaram a gente como se fosse em um lugar pequenininho, muito pequeno.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** No armário.

**DELCEY GONÇALVES:** Como se fosse um armário.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Foi torturada?

**DELCEY GONÇALVES:** Não. A tortura foi essa, levar, dizer, ameaçar e falar. Porque quem nunca sofreu tortura, não entende o processo. Você entendeu? Você imaginar o que eles podem fazer, porque eles estão dizendo que vão fazer, é pior do que o que eles vão fazer.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É. Pessoal acha que tortura é só bater, bater e dar choque.

**DELCEY GONÇALVES:** Só bater! Você entendeu? Porque aí é que funciona, que você quebra a parte interna da pessoa. “Eu vou enfiar agulha embaixo do seu dedo!”, e você não duvida, porque eles já fizeram tanta coisa com você e com os outros,



entendeu? Que para fazer isso, você está à mercê! O pior de tudo isso é você estar à mercê. Você não sabe o que vai te acontecer agora. Amanhã nem se fala! Então é isso que te quebra! “Eu vou aguentar? Eu não vou aguentar? Mas vai doer! É terrível!”. Você entendeu? Quando eu disse que o eixo dessa época do processo foi essa, de quebrar a estrutura interna da pessoa, isso é tão sério que eu vou ver uma situação lá em Porto Alegre de uma pessoa completamente na mão dos caras! Completamente! A mulher dele vai julgá-lo posteriormente, entregou, é um traidor, é não sei o quê. Eu não esqueço da imagem que eu vi desse cara, ele sendo acareado comigo, eu dizia: “não, eu não conheço essa pessoa”, ele olhava pra cima assim e falava como um autômato, como se tivesse ligado um gravador. “Ela chegou aqui em tal época, assim, assim e assim, ela encontrou, nós éramos, fizemos tais e tais reuniões, blábláblá”. Entendeu? Como se a pessoa não estivesse ali falando. Ou seja, aquela pessoa internamente foi completamente quebrada! Completamente quebrada! É diferente do Chuchu, que leu os documentos e entregou! Ele sim, ele sim! Agora, aquele cara lá de Porto Alegre, não! Não! Ele ficou nas mãos, ele era frágil, mais frágil do que outras pessoas, por exemplo, a mulher dele, entendeu? Que teve uma força que eu acho, assim, descomunal, porque o que eles fizeram com ela e como que ela se portou, entendeu? Mas são as diferenças individuais. Tem gente que aguenta, tem gente que não aguenta! E não há como saber direito, entendeu? É difícil, não é (trecho incompreensível), é muito difícil saber. Eu, por exemplo, não sabia!

**EMELY SALAZAR:** Você então não sabe do que é capaz?

**DELICY GONÇALVES:** Do que é capaz. Quando eu dava aula na Católica de política, trabalhando Hobbes, eu dizia isso, ele fala: “O homem é um ser opaco, para si mesmo e para os outros”, entendeu? A gente não entende do que que a gente é capaz de fazer. Tanto de coisas negativas quanto de coisas positivas, entendeu? E aí eu não sabia, por exemplo, que eu dava conta do que que eu dei.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Última pergunta, eu não sei bem se é uma pergunta, porque depois de ler tanta bibliografia, depoimento, e ter convivido com você em outra situação, há tantos anos atrás, fico, eu sempre tenho uma pergunta a fazer, que é o seguinte: em algum momento você passou por Miguel Burnier?

**DELICY GONÇALVES:** Eu não sei...

**JOSÉ ALEXANDRE:** (trecho incompreensível) é porque eu sempre fazia uma ligação...

**DELICY GONÇALVES:** Esse Miguel Burnier era...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Era uma cidadezinha aqui perto de Congonhas do Campo.

**DELICY GONÇALVES:** Ah, é uma cidade. Não.

**JOSÉ ALEXANDRE:** É município de Ouro Preto.

**DELICY GONÇALVES:** Não, não. Eu fui presa quando eu retornei, que eles me prenderam, me jogaram aqui, depois eu vim, aí eu já estava em Curitiba, presa em uma prisão de presos comuns em Curitiba, que eles me levaram para Rio Espera.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Ah, Rio Espera.

**DELICY GONÇALVES:** Rio Espera.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Perto de Conselheiro Lafaiete?

**DELICY GONÇALVES:** Perto de Conselheiro Lafaiete. Lá eu era a única presa do presídio, vigiada por 70 homens.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Era presídio? Era delegacia, não?

**DELICY GONÇALVES:** Não, não era delegacia, não. Era presídio que foi decretado como sendo presídio feminino de presas políticas. Mas por lá, passaram duas presas, Dalcy, a Maria Dalcy, e depois ela foi embora, quando eu cheguei eu era a única presa.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Isso em Rio Espera.

**DELICY GONÇALVES:** Em Rio Espera.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você lembra o nome, se tinha algum nome, alguma alusão à alguma pessoa ao nome do lugar? Não? É só presídio?

**DELICY GONÇALVES:** O nome do lugar.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Era presídio Rio Espera?

**DELICY GONÇALVES:** É, falavam isso. Eu não sei se tem outro nome não.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Isso você foi torturada lá?

**DELICY GONÇALVES:** Não, mas eu não podia ler nada, contato nenhum...

**JOSÉ ALEXANDRE:** Psicológico.

**DELICY GONÇALVES:** Só com advogado e família. Até eu comprava ovo, eu gostava de comer ovo, porque lá o povo tinha costume de comer só carne de porco, eu não aguentava, aí eu mandava comprar ovo. O ovo vinha com, enrolado em jornal, eles tiravam o jornal.

**EMELY SALAZAR:** Você não podia ler o jornal?

**DELICY GONÇALVES:** Nem jornal velho, que enrolava o ovo, eu não podia ler.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você se lembra quantos dias você ficou presa lá?

**DELICY GONÇALVES:** Eu fiquei presa lá, eu acho que foram uns dois, três meses. Que aí depois eu comecei a passar mal, porque estive no isolamento depois, eu tinha vindo de uma situação de pressão da OBAN das mais terríveis neste sentido da quebra do indivíduo, que aí a OBAN sim, a OBAN tinha um, eles desenvolveram isso, entendeu? Eles desenvolveram isso. Eu não sei se eu tivesse sido presa já direto, primeiro na OBAN naquele momento, o quê que teria sido de mim. Eu não sei, entendeu? Porque eu saí da OBAN já com epilepsia.

**JOSÉ ALEXANDRE:** Você lembra o nome da outra pessoa que estava presa lá?

**DELICY GONÇALVES:** Aonde?

**JOSÉ ALEXANDRE:** Lá em Rio Espera.

**DELICY GONÇALVES:** Maria Dalcy teve primeiro. Aí ela saiu. Aí depois, algum tempo depois eu cheguei, eles me levaram para lá, eu fiquei lá uns 2 meses. Aí por doença, porque aí eu comecei a ter epilepsia. Depois vai ser identificado como epilepsia, simplesmente eu começava com uma dor interna, forte, e essa dor eu desmaiava e ficava 2 horas.

**EMELY SALAZAR:** Era crise, né.

**DELICY GONÇALVES:** É, era crise. Aí o médico falou: “Não me chamem mais”, depois da terceira, “porque eu não dou conta, eu não sou responsável por isso, eu não sei o que essa moça tem”. Aí meu advogado pediu para eu, eu terminei de cumprir a minha pena no (trecho incompreensível).

**JOSÉ ALEXANDRE:** Sissi, hoje é 22/10/2015, com início em 9h15min, nós estamos encerrando o depoimento da Delcy Gonçalves de Paula, a quem a Comissão da Verdade em Minas Gerais gostaria de agradecer muitíssimo a essa professora, socióloga, cidadã brasileira, que com esse depoimento presta uma importante contribuição para a história do nosso país, principalmente a partir de Minas Gerais. Eu gostaria de perguntar se os presentes membros da Comissão Emely Vieira Salazar, se o professor Celso Travassos tem alguma pergunta e principalmente a você, Sissi, se tem mais alguma consideração que você queira fazer que você julga importante.

**DELICY GONÇALVES:** Eu só falo o seguinte, eu fiquei 40 anos sem conseguir falar disso, 40 anos sem conseguir falar! Entendeu? Hoje eu tenho epilepsia, tomo remédio desde, hoje não, né, desde que eu saí da Oban, lá eu tive esse problema de epilepsia, que eles me levaram inclusive no Hospital das Clínicas lá na época, e tomo remédio até hoje. Eu sei, hoje, eu olho pra trás, lá nos anos 70, meados dos anos 70, e vejo que eu estava uma pessoa completamente doente, psicicamente falando, entendeu?

Mas só hoje que eu reconheço isso, entendeu? O quão pesado foi minha vida depois disso. Eu era uma moça feliz, alegre, leve, entendeu? Me tornei uma pessoa pesada, de humor, eu tenho que tomar remédio para controle de humor, entendeu? Sou uma pessoa controlada e de um lado isso, então foi muito difícil, todo esse processo marcou a minha vida. Não me destruiu! Não me destruiu! Mas eu consegui me refazer minimamente, com ajuda inclusive da Emely como terapeuta, né? E hoje eu sou uma pessoa em pé. Tenho problemas, né, mas tem gente que teve mais problemas ainda do que eu, né, de perder a memória, de ficar com problemas gravíssimos, mais graves do que eu, do que o meu. Primeiro lugar, isso. Segundo, hoje eu consegui retirar isso de dentro de mim. Tirar! Eu não tenho absolutamente ódio nenhum! Nenhum! Entendeu? Nenhuma raiva! Nada, nada. Eu olho pra trás e vejo uma experiência dura e pesada, né?! Mas foi isso. E em terceiro, talvez como consequência disso, eu esqueci muitos nomes das pessoas que me torturaram, entendeu? Então, a situação é essa. Tá bom? Muito obrigada.

**EMELY SALAZAR:** Oh Sissi, em nome da COVEMG, nós agradecemos a você, muito! Muito obrigada, viu?! Você é uma vencedora, tá? Eles não conseguiram quebrar você! Você continua inteira, você é um orgulho para todos nós, tá? Muito obrigada.

**DELICY GONÇALVES:** Muito obrigada.